

Impactos da construção de usinas hidrelétricas na vida de ribeirinhos

Impacts of the construction of hydroelectric power stations in the life of the riparian population

Andréia Duarte ALVES*

José Sterza JUSTO**

Resumo: Neste trabalho, examinaremos o impacto devastador da modernização orientada pela expansão do capitalismo numa comunidade localizada às margens do rio Paraná. Tal impacto foi gerado por duas grandes obras: a construção de uma ponte sobre o rio e a construção de uma usina hidrelétrica que formou um grande lago e submergiu a vila. A população foi transferida para um núcleo urbano, planejado e construído como indenização pela submersão do antigo povoamento. A criação do lago e a mudança para a nova cidade modificaram profundamente a vida da comunidade. A pesca, o plantio nas terras férteis das margens do rio e a olaria que utilizava a farta argila sofreram um golpe profundo, afetando a atividade econômica e todo o modo de vida da população local. A intervenção modernizadora, em nome do progresso, destruiu uma comunidade e uma cultura que tinham o rio como referência principal.

Palavras-chave: Modernização. Cultura. Comunidade. Subjetividade.

Abstract: This paper aims at examining the impact of the modernization orientated by the expansion of capitalism in a community located alongside the Paraná River. This impact was produced by two large works: the construction of a bridge and the construction of a hydroelectric station, which formed a big lake that submerged the village. The population was transferred to an urban site planned and built as reparation for the submersion of the previous settlement. The creation of the lake and the transference to the new city deeply modified the life of the community. Activities such as fishing, planting in the fertile lands of the river's banks and the pottery that used its abundant clay suffered a hard blow, which affected the economical activity and the whole way of life of the local population. In the name of progress, the modernizing intervention destroyed a community and a culture that had the river as its main reference.

Keywords: Modernization. Culture. Community. Subjectivity.

Recebido em: 14/05/2009. Aceito em: 24/09/2009.

* Psicóloga e mestre em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras, Unesp - Campus de Assis.

** Doutor em Psicologia Social pela PUC - SP e docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp - Campus de Assis.

1 Introdução

Berman (1986), fazendo jus ao título de seu livro, define a modernidade como um espírito de renovação, mudança e transformação disposto a colocar abaixo todas as edificações (econômicas, políticas e culturais) do antigo regime para criar um novo mundo, uma nova sociedade, ou seja, seu intuito seria desmanchar tudo sob a crença de que “tudo que é sólido desmancha no ar”. (MARX; ENGELS, 1978, p. 98).

Procurando definir a modernidade do ângulo como foi vivenciada especialmente por aqueles que habitaram o período de sua eferescência maior, o autor a define como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje”. (BERMAN, 1986, p.15).

Tal experiência basicamente consistia em entrar em contato ou viver em um ambiente que soava como um turbilhão de acontecimentos e mudanças repentinas, um vendaval que varria as estruturas sólidas e arcaicas fomentando o espírito de inovação, criação, aventura, prazer, alegria, crescimento, ruptura, desintegração, transformação de si e do mundo. O espírito modernista pregava a destruição renovadora, o desmanche das velharias e a edificação do novo em seu lugar, sendo tudo visualizado como avanço, melhoria e progresso.

Conviver com um mundo de pernas para o ar e com um cotidiano não menos sacolejado pelos ventos dos novos tempos significava também pairar sobre certa ambiguidade e angústia, provocadas por sentimentos de perda da situação consolidada e segura, porém, ao mesmo tempo, sentir-se atraído pelas promessas de melhoria e felicidade.

A pessoa comum também não passava incólume. Aliás, talvez estivesse mais exposta à emergência de uma subjetividade paranóide pela maior vulnerabilidade às consequências de um mundo agitado e em plena metamorfose. Afinal, ainda que não se soubesse o que exatamente estava acontecendo, o fato é que o turbilhão de mudanças e acontecimentos do período áureo

do modernismo irrompia a individualização, a inquietude, o desejo e a busca de um sonho que jamais será realizado.

A noção de pulsão ou desejo em Freud expressará exatamente esse homem moderno, agitado, desejante, em busca de algo, ávido, competitivo, porém fadado ao fracasso pela própria constituição do desejo como falta primária irremovível.

Contudo, é notório que os modernistas acreditavam no futuro, no progresso, na ciência, na arte, na razão. Não há dúvidas de que se tratava de um novo tempo que definitivamente retiraria o homem da miséria e do sofrimento e o transportaria para um futuro muito melhor.

Fato é que, conforme destaca Harvey (1992), o espírito modernizador fincava-se na certeza de um futuro, sob a crença de uma firme marcha por um caminho seguro e preciso. A racionalidade incontestável, comandada por uma ciência objetiva, haveria de expurgar todas as carências materiais, tecnológicas e erradicar os entraves para o inexorável alcance de uma civilização plena. Imbuído de tamanha convicção nas promessas da nova era que se despontava nos horizontes da humanidade, com as conquistas tecnológicas e o aceno para um pleno domínio da História, o espírito modernizador não titubeou em colocar abaixo tudo o que representava atraso e resistência para a implementação das mudanças que julgava necessárias no plano econômico, político, social e cultural. Valores, crenças, tradições, conhecimentos, modos de produção e de subjetivação e tudo o que mais fosse considerado antigo, arcaico e conservador passou a ser firmemente combatido para dar lugar aos novos instituintes.

A arquitetura da cidade moderna, ainda conforme Harvey (1992), pode ser tomada como o exemplo dessa mentalidade tomada por um sentimento de onipotência e por uma sanha transformadora. Bairros inteiros eram destruídos para dar lugar a grandes avenidas; edifícios enormes eram erguidos para abrigar o frenesi dos negócios e responder a demandas de espaço; a verticalização das cidades, com suas imponentes torres de concreto se impunham como signo de pujança e poder; grandes obras

de engenharia, como arranha-céus, pontes, túneis, canalizações de rios e tantas outras eram celebradas como mostra do domínio do homem sobre a natureza e da sua capacidade para criar seu próprio mundo: a cidade racional, planejada, organizada como uma máquina, com peças devidamente encaixadas, possibilitando um perfeito funcionamento.

Berman (1986) diferencia algumas fases na modernidade. Uma primeira, situada entre os séculos XVI e XVIII, marcada pela manifestação das primeiras mudanças, porém sem a possibilidade de uma tomada de consciência da extensão do que estaria por vir; uma segunda, que teria como marco a Revolução Francesa (1790), caracterizada pela explosão do espírito revolucionário, do sentido do público e descoberta das transformações econômicas e culturais que passariam a ser conhecidas, respectivamente, como modernização e modernismo; e uma terceira fase, transcorrida no século XX, com a expansão mundial da modernização, sobretudo no campo da arte e da cultura, porém, com a perda do espírito e dos ideários iniciais. (Ibidem, p.16-17).

No Brasil, podemos identificar vários impulsos modernizadores no campo da economia, da política e da cultura ocorrendo de forma irregular em diferentes períodos da história, às vezes de forma localizada. O governo de Juscelino Kubitschek, no entanto, é o grande ícone da modernização. Em seu governo, ganhou notoriedade o roubo desenvolvimentista, doravante transformado em grande sonho nacional. Seu plano de metas, norteado pelo lema de fazer o país avançar cinquenta anos em seus cinco anos de governo, se propunha a levar o país a dar um enorme salto no setor de energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação e também no urbanismo, com a construção de Brasília. A capital do país é, sem dúvida, o grande monumento brasileiro dedicado à modernização. Ela espelha, em sua arquitetura, todos os ideários modernos com sua indefectível intervenção e ostentação do concreto armado na paisagem árida do cerrado goiano.

De lá para cá o país ingressou definitivamente no rumo dos sonhos do crescimento econômico, da inovação tecnológica, da renovação

dos costumes e das estruturas sociais, da construção das metrópoles, da migração para as cidades e assim por diante. Não foram poucas as mudanças operadas na vida dos brasileiros, muitas acompanhadas por sentimentos de regozijo e satisfação, enquanto outras desabaram com o sentido de tragédia e sofrimento.

Neste artigo, derivado de uma pesquisa com os habitantes de uma cidade ribeirinha desalojados após a construção de uma barragem, pretendemos mostrar a vivência trágica do processo de modernização que acercou toda uma comunidade.

2 Barragens e ribeirinhos

Dando continuidade ao projeto de usinas hidrelétricas na quantidade que está sendo estudada pelos cientistas, não tem como continuar tendo rio vivo, né! Nós vamos ter vários lagos. Eu quero fazer um apelo à classe científica brasileira para que tentem modificar o projeto desse número muito grande de usinas hidrelétricas a serem construídas [...] (Maria Lucia Quilombo)¹

A Usina Hidrelétrica (UHE) de Porto Primavera é conhecida como um dos maiores desastres ambientais da história do setor energético brasileiro. A obra da CESP é considerada a terceira hidrelétrica mais ineficiente do mundo e a segunda do Brasil, considerando a relação área inundada e capacidade produtiva. Perde apenas para a Usina Balbina,² que também sofreu grandes objeções à sua instalação. (SCARPINELLA, 1999). “Balbina foi a primeira considerada um erro, devido à escassa energia produzida por área

1 Moradora de Porto Nacional / TO, no documentário *Tocantins – Rio Afogado*. Direção: Hélio Brito e José Luiz Neiva Brito. DOCTV. Brasil, 2005. DVD, 55 min.

2 Em Balbina a capacidade instalada é de 250 MW para uma área inundada de 2.360 Km² (Eletronorte, Internet, sítio visitado em Julho de 2007). A relação potência/área inundada é de 0,69 MW/Km². É interessante notar que a relação na UHE Porto Primavera é de 0,8 MW/Km², não muito melhor. No caso, há similaridade na relação entre área e energia produzida, já que ambas possuem um fator de capacidade em torno de 50%. Nota de rodapé de por SCARPINELLA, 1999, p.10

alagada (de florestas), pelo que foi qualificada publicamente como um desastre ambiental.” (FURTADO, 1996, p.105).

A UHE Porto Primavera atingiu 11 municípios. No Estado do Mato Grosso do Sul foram: Anaurilândia, Bataguassu, Brasilândia, Santa Rita do Pardo e Três Lagoas. Em São Paulo, Rosana, Teodoro Sampaio, Presidente Epitácio, Panorama, Paulicéia e Castilho, além de pequenos povoados formados por grupos de indígenas ribeirinhos da tribo Ofayé-Xavante.

Segundo a OAB, o enchimento do lago da Usina hidrelétrica de Porto Primavera foi um

[...] desastre ambiental sem precedentes no Brasil, afetando 22 espécies anfíbios, 37 répteis, 298 aves e 60 mamíferos, muitos ameaçados de extinção, além de erosões e assoreamento do rio, comprometendo a qualidade da água e gerando problemas de oxigenação do lago.³

A obra submergiu a maior e melhor reserva de argila da América do Sul. O lago destruiu também um dos mais importantes ecossistemas de Mato Grosso do Sul, com características equivalentes às do Pantanal. O varjão inundado tratava-se do habitat de ao menos 14 espécies de animais em extinção, como a onça-pintada, o jacaré-de-papo-amarelo e o nhambu-guaçu. Viviam ali cervos do Pantanal, mais de uma centena de onças pretas e pardas, bugios, macacos-prego, jaguatiricas, tamanduás, gambás, cuícas, pacas, cutias e tatus. Também ali havia inúmeras espécies vegetais, várias das quais em extinção. Encontrava-se na margem de Presidente Epitácio a Lagoa São Paulo, um dos ecossistemas mais ricos do planeta. Sob o lago ainda ficaram 18 sítios arqueológicos e inúmeras pesquisas incompletas. Segundo Scarpinella (1999, p. 100):

Quando do início da construção da Usina, a terra da Grande Reserva do Pontal já estava quase toda tomada de invasões, em grande parte de fazendas de criação extensiva de gado. Fora trechos como a Lagoa São Paulo,

que já vinha sofrendo invasões, e a Reserva do Morro do Diabo, a floresta original já havia sido dizimada. No entanto, a característica topográfica da margem direita (de Mato Grosso do Sul), com pequena inclinação e sujeita a cheias anuais, havia assegurado a preservação do meio ambiente natural de uma extensa faixa de terras úmidas com grande diversidade biológica, tanto mais valiosa pelo fato de constituir uma remanescente de áreas de transição nos limites da Mata Atlântica para a região dos cerrados do Brasil Central.

No que se refere aos impactos sociais, a situação não foi muito diferente. A vida econômica das comunidades atingidas dependia diretamente do rio e da biota ribeirinha. Scarpinella (1999, p. 119-120) definiu os impactos da Usina sobre o patrimônio histórico e cultural da seguinte maneira:

Perda das referências espaciais, dispersão das pessoas mais velhas que detêm o conhecimento sobre a história, costumes e locais e meio natural. Alterações e perda das manifestações da cultura popular: extinção dos pontos de encontro, festas populares, artesanato e medicina popular.

No caso do Porto XV de Novembro, foram atingidas 274 famílias, que tinham como atividade principal a pesca, olaria, comércio e ranchos de pesca. A vila possuía um cemitério, duas igrejas, uma escola, um porto e um posto telefônico. A CESP, através da Construtora Camargo Corrêa, forneceu um reassentamento urbano como indenização à comunidade.

A economia foi profundamente prejudicada. A antiga vila era favorecida por dois fatores: a proximidade com a foz do rio Pardo, que garantia uma grande diversidade de pescados com alto valor comercial, e a qualidade da argila, que favorecia a produção de cerâmicas e artesanatos. Por conta dessas características ambientais e da beleza das paisagens, era comum a presença de pescadores das mais diferentes regiões para a prática da pesca esportiva. Muitos bares, restaurantes e ranchos de pesca sobreviviam do turismo.

Especialmente os pescadores ribeirinhos, que são os sujeitos desta pesquisa, tiveram sua atividade praticamente interrompida com a formação do lago. A mudança no leito do rio levou

3 OAB SP NOTÍCIAS. **OAB-SP entra com Ação contra Usina de Porto Primavera**. Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/noticias/1998/12/11/179>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

diversas espécies de pescados de água corrente à extinção, sendo que as espécies de água parada atualmente encontradas no lago possuem baixo valor comercial.

Essa população, em sua maioria, vive da economia informal e de subsistência e enfrenta profundas dificuldades de inserção no mercado de trabalho tradicionalmente instituído. As atividades realizadas pelos ribeirinhos antes da barragem foram completamente descaracterizadas com a perda do ambiente. A economia era baseada em trabalhos artesanais que exigem pouca qualificação técnica ou grau de instrução formal, mas, por outro lado, dependem de um conhecimento profundo do meio ambiente e de um vínculo estreito com o rio, com a fauna e com a flora ribeirinha.

A mudança abrupta da atividade econômica e a falta de qualificação para os novos postos de trabalho que surgiram representaram as mais significativas razões para o baixo índice de empregabilidade dos ribeirinhos atingidos pela barragem de Porto Primavera. Em Nova Porto XV de Novembro, como em outras regiões atingidas, as famílias passam a sobreviver de programas públicos de assistência, ocasionando problemas sociais das mais diversas ordens.

3 Elementos metodológicos: a composição dos procedimentos

Com o intuito de investigar as transformações provocadas pela construção da barragem na vida dos ribeirinhos, coletamos relatos do cotidiano dos pescadores ribeirinhos mediante entrevistas realizadas com habitantes do “Porto XV Velho” – vila, barranca e ilhas do Rio Paraná. Consideramos pescadores aqueles que exercem ou exerceram a atividade pesqueira, tanto para fins comerciais como para consumo doméstico.

As entrevistas contemplaram o registro de histórias de vida não de uma forma particularizada no espaço privado, mas sim como são compartilhadas nos círculos de amigos, nas conversas informais e no ambiente público. Buscamos as narrativas nos espaços coletivos, sujeitas à participação e apreciação dos pares, portanto,

coletamos histórias de vidas construídas estrategicamente no cotidiano, representando a trajetória comum dos pescadores da comunidade.

Esse interesse pelo registro das narrativas nos espaços sociais onde são produzidas e transmitidas exige do pesquisador a participação na vida corriqueira dos ribeirinhos e um posicionamento informal. Por isso, as estratégias metodológicas adotadas nesta pesquisa não estiveram presas à elaboração de uma estrutura formal que norteasse o comportamento do pesquisador, mas a cuidados que garantissem o estabelecimento e a manutenção de um vínculo de confiança mútuo.

[...] ao pesquisador e às pessoas do local pesquisado, ambos são pesquisadores, na medida em que olham acontecimentos, constroem “fatos”, analisam-nos e nos interpretam, com finalidades e, talvez, com instrumentos distintos. [...] Ambos falam ou deixam de falar coisas em função das concepções prévias ou criadas no decorrer dessa convivência. Para as pessoas do local interessa saber quem somos, porque nos interessamos por conhecê-las, por conhecer seu dia-a-dia, os jeitos de se comportar e se relacionar; interessa também saber qual a utilidade que nossa pesquisa terá; qual a nossa real intenção, não expressa; como pesquisaremos: com questionário, com perguntas?; também se mostram curiosos para saber se escreveremos um livro, se contaremos para os nossos alunos como é a vida deles e, sobretudo, interessa também saber quem somos, o que fazemos, como vivemos. Assim, o fornecimento e o ocultamento de informações ao pesquisador serão controlados pelas representações que essas pessoas criam sobre “quem é o pesquisador.” E o mesmo ocorre conosco. Essa atitude investigativa das pessoas do local em relação ao pesquisador o insere numa relação na qual a assimetria é menor do que ele eventualmente possa imaginar e isso tem implicações diretas para o seu trabalho de pesquisa. Essa assimetria no relacionamento deixa de ser motivo de surpresa quando vemos a pesquisa de campo como um processo de convivência entre pessoas. Sendo assim, não são apenas as regras e rigores metodológicos que nortearão a qualidade da pesquisa, mas a qualidade do relacionamento entre o pesquisador e as pessoas do local pesquisado. (SATO; SOUZA, 2001, p. 29-47)

Essa forma específica de investigação possibilita a escuta da linguagem e a observação participante. Também abre a pesquisa à participação dos próprios sujeitos, que nos informam com quem devemos conversar e nos direcionam aos lugares onde as pessoas se reúnem para contar suas histórias. A entrevista, neste contexto coletivo, nas rodas de prosa e nos espaços informais, exige cuidado e responsabilidade em relação ao conteúdo que é apreendido.

A pesquisa procurou contemplar o zelo e o respeito com as narrativas dos participantes, tanto na forma de desenvolvimento das entrevistas, quanto na apresentação dos dados. Durante as conversas, marcadas pelo caráter coletivo e informal, os entrevistados foram esclarecidos sobre a pesquisa, seus objetivos e sobre o uso de aparelhos para gravação das narrativas. O contrato com os pescadores incluiu a transcrição das narrativas de forma literal e a devolução a eles dos relatos transcritos.

A preservação do caráter sigiloso dos dados foi garantida. Alguns participantes expressaram o desejo de ter sua identidade divulgada na pesquisa e, nesses casos, apresentamos o apelido pelo qual são conhecidos.

4 O cotidiano da antiga vila

O Porto XV original foi fundado em 15 de novembro de 1906 com a função de facilitar o transporte entre os Estados de São Paulo e o então Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. Gado, madeira e demais produtos provenientes da região e destinados aos centros urbanos do leste encontravam no rio Paraná uma barreira para o transporte, impondo aos desbravadores e empreendedores da época a iniciativa da criação de um porto e a instalação de uma balsa para a travessia.

O porto foi ganhando importância econômica ao longo dos anos. Além das mercadorias, por ali passavam importantes aventureiros a caminho do oeste: marinheiros e navegantes que subiam ou desciam o rio Paraná com suas embarcações; comerciantes com mercadorias que gerariam grandes fortunas nas novas cidades; imigrantes com as economias provenientes do trabalho nas

lavouras de café que, entusiasmados com as terras baratas do Mato Grosso, sonhavam adquirir sua propriedade; retirantes nordestinos imbuídos de esperança de trabalho e sobrevivência; fugitivos em busca de refúgio; enfim, trabalhadores de toda sorte que vinham oferecer mão de obra para a construção das estradas e das cidades, formar lavouras e pastos no cerrado e servir de peões às boiadas do Mato Grosso.

Com o passar dos anos, muitos dos que vieram com o intuito de seguir viagem acabaram se instalando na colônia. Esses primeiros moradores trabalhavam na pesca e no plantio. A atividade pesqueira era atrativa, pois as condições ambientais favoreciam a presença de espécies raras de pescado com bom valor comercial. A lavoura, por outro lado, possuía seus benefícios já que a rota facilitava o transporte e a presença de viajantes garantia a venda da colheita.

A pequena vila firmou-se como ponto de passagem e descanso para viajantes, em sua maioria homens que ali paravam para a refeição ou para o pouso antes de prosseguir as longas viagens a cavalo. Tornou-se também ponto de apoio para a circulação de mercadorias e, para os viajantes, surgiram pequenas casas comerciais, pousadas, bares e casas de show.

As comitivas trouxeram as melodias, os “causos” das terras, as violas, o linguajar, o sotaque, os modos que ali se misturavam com a vida do pescador, suas histórias, seu imaginário, seus devaneios provenientes das águas. A socialidade era intensa, reunindo os moradores em torno de cultos religiosos ou de festas e diversão.

Das muitas falas sobre o passado, selecionamos o seguinte trecho de “dedo de prosa” para ilustrar as lembranças do cotidiano desse lugar, antes da construção da barragem:

O povo participava da casa dos vizinho. Aquele povo antigo costuma fazê o terço né? Então eles vinha: ‘Vizinho, vai ter o terço lá em casa hoje, você pode comparecê no terço?’ E a gente dizia: ‘Vamo, é lógico’. E a gente juntava a família e levava pro terço. E ia gente, muita gente. Aqui não existe isso, mas lá existia. E depois do terço a gente fazia um bailinho, um aparecia com um violão, o outro com um pandeiro, a gente brincava pela madrugada e não acontecia nada porque era tudo família. (Chiquinho Palhaço).

A vida na antiga vila tinha como referência o pequeno núcleo urbano, com suas poucas casas, bares e pousadas que abrigavam os viajantes, a barranca do rio e as ilhotas. A barranca era o ícone desse lugar. Ela servia de divisa entre o rio da terra, sendo a margem cobijada por possibilitar o acesso às águas. Os lotes de terra nas margens do rio eram pequenos e as famílias que aí se assentavam em suas chácaras mesclavam a pesca no rio com a lavoura de subsistência. As casas eram construídas sobre palafitas como forma de proteção contra a cheia do rio. Na época de grandes cheias, os ribeirinhos se deslocavam para abrigos nos lugares mais altos do vilarejo ou se acomodavam nas casas de parentes e amigos.

Havia uma socialidade muito intensa, uma proximidade e um senso de comunidade muito forte, que vinculava todos entre si: os residentes da vila propriamente dita, os da barranca que se alongava pela encosta do rio e aqueles que moravam nas ilhotas, algumas relativamente distantes. A solidariedade e a ajuda mútua, permeadas por um generoso sentimento de amizade, fazia parte do cotidiano. Mesmo os visitantes eram assimilados e valorizados, possuindo um espaço próprio nas representações identitárias. Dentre eles, existiam pescadores amadores e desportistas que vinham de regiões distantes para ali exercitarem a pesca como lazer e diversão. Muitos desses eram frequentadores habituais, presentes todos os anos na época da alta temporada de pesca, que se tornavam conhecidos e também criavam laços de amizade com os ribeirinhos. Outros visitantes incorporados ao lugar eram os boiadeiros, tropeiros, mascates e demais viajantes que pernoitavam nas toscas pousadas ou permaneciam ali por algum tempo, aguardando a balsa para a travessia do rio.

A pesca assumia o posto de atividade principal da comunidade ribeirinha e, se não era a única atividade econômica, sem dúvida era a que fomentava o imaginário, gerava simbologias, a cultura e as representações identitárias principais. Os pescadores se reuniam nos finais de tarde, ao voltarem da jornada de pesca, nos pequenos bares ou no terreiro da casa de um ou de outro. Ali contavam as façanhas do dia, purgavam os dissabores ou celebravam os grandes

feitos. Eram muitas as histórias, os acontecimentos e os enigmas que cotidianamente surgiam nas aventuras pelo sempre misterioso rio.

Apesar de conhecerem bem aquelas águas e suas regularidades, a imensidão do rio e seu caráter de mobilidade e força que se devia, sobretudo, à correnteza o tornavam em grande parte um conhecido sim, porém, com suas estranhezas e idiosincrasias. Sair para a pesca, enfrentado o silêncio enigmático das águas, navegando por longos trechos, com canoas e botes rudimentares, soava como um ato de bravura, coragem e sabedoria. Os “causos” que narravam uns para os outros formavam um saber coletivo sobre a pesca, o rio, os peixes e a vida como um todo. Retiravam deles lições, princípios e regras capazes de nortearem ações e aprimorar a leitura do rio, a interpretação dos sinais emitidos pelo movimento das águas, pelo vento, pelas nuvens e pelo comportamento dos animais. Ao lidarem com grandes parcelas de imprevisibilidade no relacionamento com as águas, com as intempéries e com os pescados, qualquer acréscimo na arte de interpretar seus indícios passa a ser extremamente valioso.

Além de ser o meio de sobrevivência e representar a fonte da vida, o rio fornecia inspiração para o lazer, diversão e a matéria prima para a imaginação, para as torrentes de pensamento e para as crenças.

Duas festas marcavam o calendário cívico e religioso. A festa de primeiro de maio – dia do trabalho – tornou-se famosa e atraía visitantes de localidades distantes, inclusive do lado do Estado de São Paulo. Nesse feriado, ocorria um grande piquenique no vilarejo, embalado por jogos de futebol, corridas de cavalo e rodas de viola.

Outra festa grandiosa se realizava em torno da figura de Nossa Senhora dos Navegantes. Nessa ocasião, todos se agregavam para realizar a travessia do rio em canoas, pequenas embarcações e na balsa que interligava Porto XV com a margem paulista. Nove imagens de santos da Igreja Católica capitaneavam a travessia, um ritual que, segundo a tradição oral, teria sido iniciado como pagamento de uma promessa de um morador feita aos santos em prol da vida de um filho que se encontrava combatendo na Segunda Guerra Mundial.

O porto construído para a travessia do rio, a pesca e o cultivo das terras próximas à barranca – bastante férteis por causa das cheias e ricas em argila para olaria – constituíam a base da vida nesse lugar. Os ribeirinhos souberam desenvolver a vida justamente no ponto do encontro entre a terra e a água. As transformações produzidas pela ação do homem nessa localidade – a construção do vilarejo, das casas à beira do rio, do porto que servia como base de operação da balsa e de outras embarcações, a habitação das ilhotas – tinham como referência a vida local, incluindo suas relações com outras localidades, tal como se dava nas transações comerciais e nos encontros festivos.

A mentalidade e a cultura dos ribeirinhos eram de respeito ao rio. Eles preservavam seus limites e zelavam por ele, que, ademais, significava a fonte da vida. Até mesmo os fenômenos aparentemente adversos, como as cheias, eram incorporados como normais e benéficos e tidos como necessários para a ativação dos ciclos de renovação da natureza.

5 O “progresso” modernizador e a destruição da vila ribeirinha

O primeiro golpe da modernização foi aplicado com a construção de uma ponte, a ponte Maurício Joppert, sobre o rio Paraná, iniciada em 1963 e concluída no ano seguinte. Com 2.550 metros de comprimento, foi a mais extensa do Brasil até 1974, quando se inaugurou a ponte Rio-Niterói.

O acompanhamento da construção da ponte é lembrado como um período de completo encantamento e êxtase. Para o povo simples da vila, a grandiosidade da obra, o número de pessoas, o barulho das explosões dos jatos de gás comprimido pareciam desafiar a ordem natural do espaço e da vida cotidiana.

A inauguração da ponte datou o início do primeiro período de declínio da vila. A obra, que representava o progresso tecnológico do país, desativou o serviço de travessia da balsa e a vila deixou de servir de abrigo, descanso e diversão para viajantes. Essa função passou a ser exercida pelo povoado de Bataguassu MS,

recém-emancipado, que possuía alguns estabelecimentos comerciais com um pouco mais de infraestrutura para estadia e pouso. Por essa razão, o tempo da balsa costuma ser lembrado como um período de glória, quando o ribeirinho sentia orgulho de morar no Porto XV.

Depois que inaugurou a ponte mudou muita coisa, porque aí ela (a vila) entrou em decadência. Aí começou crescer mais Bataguassu, por quê? Porque o movimento foi pra lá. Começou a sair o posto de gasolina lá e uns hotel melhor que os daqui. Na época só tinha uma pensão, e um restaurante só em Bataguassu. Depois foi abrindo mais. (Nelson).

Se a ponte já havia sido um intervencionismo destruturante da vida naquele lugar, algo ainda mais trágico e contundente estaria por vir: a construção de uma barragem no rio que formaria um grande lago, inclusive submergindo totalmente a vila.

Quando eu vim não se sabia que ia enchê isso tudo aí, isso foi uma surpresa. Eu num sabia não. Aí era baixo, o Rio Pardo por exemplo tinha parte que se atravessava a pé, a gente pescava no Pardo a pé, tinha uns lugar mais alto, mas a gente atravessava sem barco, dava. Mas em 70 ninguém adivinhava uma coisa dessas que essa barragem ia saí. Num era publicado. Só foi publicado bem depois, quando a gente veio num sabia. (Chiquinho Palhaço).

No início dos anos de 1970, foi aprovado o projeto de construção da Usina Hidrelétrica em Porto Primavera, Estado de São Paulo, que aumentaria em nove vezes o leito do rio Paraná. O destino do Distrito, da Colônia e do Porto estava decretado, mas não havia informação sobre qualquer tipo de garantia às 280 famílias que ali viviam. A população recebeu a notícia com pesar e assombro e o longo tempo de execução das obras foi tornando a espera ainda mais angustiante. A ausência de informações oficiais favoreciam as mais diferentes previsões e especulações sobre o destino dos ribeirinhos. Ainda que as alterações no leito do rio evidenciassem o inevitável, muitos não acreditavam que, um dia, a fatalidade pudesse ocorrer e a vila ficasse submersa com o avanço das águas.

Nelson: Que ia encher? Isso aí eu sabia desde que eu era moleque.

Russo: Não seu Nelson. Desde de 66 começou essa história.

Nelson: Eles falavam que ia tê uma barragem aí prá riba e que isso aqui ia alagá tudo de água. Mas eles falavam, falavam diferentes. Uns dizia que um dia ia tê que mudá pra Bataguassu. "Você num vai pode ficá aqui no Quinze que isso tudo vai ficá debaixo d'água." Outros dizia que ia vir pra Reta A-1. Eu acreditava. Muitos num acreditava não. Sabe por que eu acreditava? Porque aquele tempo não tinha nada, dava aquelas enchente, água vinha e descia, depois a água começou a vir até na reta V e demorava.

Russo: Pra você entender, depois que fez as barragem a água começou a represar. Antes não. Tá entendendo? Antes a água vinha e ia embora, lotava tudo o que tinha que enchê nos varjão e com trinta quarenta dia num tinha mais água. Depois começo a ficá diferente as enchente, demorava mais.

Nelson: Dava a época da chuva e a gente já começava ver as mudança das água, aí as água vinha.

6 As negociações e a mudança

O rolo compressor da modernização se impunha com toda força e poder, não deixando qualquer opção para os ribeirinhos. O rio antes visto como majestoso e indomável, mas que aceitava a presença daquela comunidade em suas margens, agora seria inteiramente domesticado pela alta tecnologia e pela monumental obra de engenharia e colocado a serviço de geração de energia elétrica para atender a demandas de interesses e localidades muito distantes. Os habitantes locais seriam completamente ignorados e vistos como uma presença inconveniente que deveria ser removida. A construção da barragem se mostra uma invasão e intrusão avassaladora, retirando dos ribeirinhos, pela força, o rio, a barranca, as ilhotas, a vila, enfim, retirando o direito elementar ao desenvolvimento de seu estilo de vida.

Vir pra cá? Foi assim... Não tinha como gostá ou disgustá, a água ia vim e a gente não podia ficá esperando morrê afogado. Porque não era enchente que depois de dois meses você voltava e tava tudo sequinho. Não era não. Agora a gente vê que não tinha outro jeito, de lá de baixo até aqui dá 10 quilômetro. (Nelson).

A convivência com as idiosincrasias do rio era fácil, os ribeirinhos já possuíam um saber acumulado para lidar com elas e até conseguiam retirar algum proveito, mas a convivência com aqueles deuses da modernidade, capazes de dominar inteiramente um rio gigantesco como o rio Paraná seria trágica e devastadora, à semelhança do que ocorrera com os indígenas no contato com os Europeus.

O reassentamento urbano de Nova Porto XV de Novembro foi concluído em 1994, quatro anos antes do início da cheia do reservatório. As negociações foram tensas, não apenas com a CESP, mas também entre os próprios ribeirinhos. Não houve qualquer ação ou medida coletiva organizada, as negociações e acordos foram tratados de forma isolada e individual. As formas de cálculo e concessão das indenizações foram diferentes. Alguns, temerosos, aceitaram as primeiras ofertas, outros brigaram por mais tempo e conseguiram valores maiores. Em alguns casos, ribeirinhos recusaram a proposta inicial da empresa e depois receberam menos do que ela oferecia, ou não receberam nada.

Enquanto não negociava, não saía. Tinha nego que veio até com coxão nas costas de lá aqui só pra mudar, mas era os nego que num tinha casa lá e aí quando viu essas casas aqui vinha correndo pra pegá. Eu tinha um boteco lá e num me deram boteco aqui. Eu perdi muita coisa. (Du Ó).

Assim que a nova vila foi concluída e as terras ribeirinhas que seriam atingidas passaram a ser propriedade da CESP, todo o território foi fechado e proibida a entrada. A região foi desmatada, as casas foram demolidas e havia uma fiscalização para que não ocorressem novas apropriações no local. No entanto, muitos pescadores continuaram acampados nas terras ou nas ilhas, em virtude do exercício da pesca. A insistência dos pescadores em permanecer nas margens do rio foi causa de muitos conflitos. Mas a impossibilidade de sobreviver na vila, a cerca de 10 quilômetros do rio, e a inexistência de qualquer alternativa de renda já antecipavam a situação que seria vivenciada no futuro após a barragem.

7 A vida urbana na Nova Porto XV

Saído das pranchetas de técnicos, o projeto urbanístico da nova vila privilegiou instalações e infraestrutura inacessíveis aos ribeirinhos anteriormente: casas de alvenaria, ruas pavimentadas, redes de água e energia elétrica, um novo paisagismo com arborização, praças e áreas de lazer, prédios comerciais estrategicamente localizados, igrejas, complexo industrial e edificações destinadas a abrigar uma eventual administração municipal com vistas à emancipação política do distrito.

Um rápido olhar pelas vias públicas da nova cidade – ruas, praças e construções – revela uma calma própria dos lugares desabitados. Algumas salas comerciais e prédios públicos destinados ao funcionamento de serviços básicos jamais entraram efetivamente em atividade. Nessa cidade quase fantasma, o calor que emana da terra é intenso e o vento ligeiro chega ardente e com sede às margens do reservatório.

Apesar do clima de aridez, a socialidade ali floresce. As pessoas se conhecem pelo nome e partilham a vida, compondo uma rotina comum. A chegada de estranhos não demora a ser sabida por todos. As ruas largas e planas possibilitam dimensionar a vila e facilitam o encontro do olhar com o brilho do sol refletido nas águas imóveis do reservatório. Nas amplas calçadas são acomodados bancos e cadeiras estrategicamente ordenados à espera de alguém que incite uma roda de prosa.

As casas possuem a mesma arquitetura e a diferença entre elas é dada pelo que de dentro é deixado fora. Aos desconhecidos que chegam, as ruas são aparentemente iguais, a cada esquina dobrada se experimenta uma breve confusão espacial. O pensamento leva alguns segundos para precisar o leste onde paira o lago e, então, localizar-se. É possível se perder na pequena cidade, que parece infinita em sua própria semelhança.

Du Ó: Agora aqui, não adianta ter um conforto, ter uma casa mais ou menos, porque isso não é uma casa boa. Boa boa não é. Porque a casa tá partindo por tudo quanto é lugar, isso pra mim não é casa boa, não tem um limpa fossa.

[...]

Russu: Nós tava conversando ali com a dona Maria e cum os outro cumpanheiro. Então, a gente tava falando com referência ao Quinze Veio e o Quinze Novo é aquilo que você acabou de falá: nós lá, nós tinha, tá certo que nós não tinha o conforto que nós tem aqui.

Du Ó: Exatamente, nós num tinha conforto.

Russu: Nós num tinha asfalto, água encanada, a luz até que nós já tinha lá. Eu sei que lá. Até a Dona Maria, a Dona Maria do Bambu tava se referindo a uma coisa verdade, lá agente tinha frango, galinha, tinha ovo, tinha mandioca, tinha abóbora...

Du Ó: Tinha de tudo.

Russu: Tinha de tudo. Aqui ocê planta ali cedo

Teresa: Os outro passa e leva tudo.

Apesar do conforto presente na vida urbana, os ribeirinhos ressentem não ter a mesma relação de liberdade e fartura que o espaço rural e ribeirinho permitia. A possibilidade que a terra dava de agir, produzir, lavrar e saciar-se é a principal marca da identidade do pescador ribeirinho. A cidade é árida, infértil e limitada, restringindo as possibilidades de luta por sobrevivência. Os limites que a cidade impõe ao homem castram sua potência criadora e impossibilitam que ele se aproprie de seu trabalho e de suas condições de existência.

8 As políticas sociais

As mudanças ambientais trouxeram grandes prejuízos às atividades exercidas na antiga vila, como a agricultura familiar, a pesca e a olaria. Não houve um projeto de desenvolvimento sustentável eficaz, capaz de garantir aos trabalhadores condições de adaptação às possibilidades de trabalho oferecidas pelo novo espaço. A única ação realizada pela CESP nesse sentido foi o fornecimento de cursos profissionalizantes e palestras voltadas para o empreendedorismo.

Vê só o tanto di curso e di palestra que tanta gente já veio dá pra nós. O único qui deu certo foi o dos bichinho de artesanato, porque antes do rio enchê já tinha muita gente qui fazia umas pecinha e já mexia com barro, [...] Mas esses curso de doce, de conserva, de embutido, de reciclage de papel, de nada adiantô. (Russu).

Com exceção do curso de artesanato em argila, os demais cursos não tinham identificação

com a cultura dos ribeirinhos ou com a realidade regional. Muitos desses cursos tornaram-se certificados emoldurados nas paredes das casas, sem representar benefícios à vida das pessoas.

A falta de autonomia financeira das famílias criou uma dependência das políticas públicas de assistência. Grande parte das famílias recebe algum tipo de auxílio para garantir a sobrevivência. A insatisfação com a nova vila e a nova vida é profunda e severa, chegando a ser associada com a morte: “As pessoas que mudou pra cá, as pessoas de mais idade morreram de desgosto de ficar nessas casa aqui. Porque logo no começo aqui num tinha nenhum pé de árvore.” (Tereza).

A imposição de uma urbanidade modernizante, aliada aos problemas administrativos decorrentes, criou uma profunda ruptura na cultura e nos hábitos da população, provocando um sentimento de estranhamento e não assimilação do novo lugar.

Do XV Véio muita gente boa já morrera, muita gente não aguentô essa vida aqui não. Do XV Véio tem pouca gente ainda aqui, já morrera muito, muito, muito... O que tem mais aqui é gente de fora que veio pra cá. Muita gente daquele tempo foi embora, já vendeu casa e foro embora daqui. Mas ainda tem gente aqui, deixa eu ver, acho que dá mais ou menos pra calculá. Tem umas quarenta no máximo umas cem casa que ainda é de gente lá de baixo, ou dos filho deles. O resto é tudo gente de fora. Feito uma pesquisa aqui e dissero que setenta por cento das pessoa do XV é de fora. Mas morreu muita gente, os velho mesmo, não resistiro, Deus já levô. Valdemá, Carrapato e Carrapata, Isaías, Antonia, Maria Coringa, Zé Coringa, Pedro Barbosa, Isaías, mais velho de lá que morreram... Jorjão, Paulo, Paulo Major, Carlão Major, pessoas que tavam lá e era fixado. Povo velho no XV que já morrera. Era tudo amigo bão, bão mesmo. Gente muito boa que Deus levô. [...] E tem muita gente que adoeceu depois que veio pra cá. (Chiquinho Palhaço).

Essa dificuldade de familiarização com o espaço e com a nova situação das águas é expressa através das imagens que o pescador lhes atribui. A água deixa de ser a mãe-amorosa e torna-se uma ameaça à vida e à sobrevivência do pescador.

Aqui é um lugar muito doentio. Aqui é um lugar doentio demais. [...] Essa água é contaminada. Essa água é contaminada. Aí tem ó, cemitério enterrado, lagoa enterrada, erva braba, veneno de fazenda, raiz braba, aí tem de tudo. Aquele veneno de fazenda que tinha, fossa, tudo ficou debaixo dessa água aí. Se você for examinar essa água você acha doença, pode olhar que você acha doença. Você vê um lodo verde que fica por cima da água. Aí, é por baixo daquele lodo que tá os micróbio da doença: fogo-selvagem é uma, é doença que dá na pele também, que descasca que nem ferida. E tem aí, nessas água aí. Já morrera vários das doença que pega aí nessas água podre. Tem doença que não tem cura. (Chiquinho Palhaço).

O ribeirinho manifesta uma resistência ao espaço, uma ausência de lar. O sentimento é de desalento, pois a água do lago manifesta uma natureza mortífera enquanto a terra da cidade é cada vez mais estéril. Quando indagados sobre como gostariam de ser indenizados pela CESP a resposta é sempre semelhante:

Eu num queria nada. Eu queria só na beira do rio isso assim. Eu não queria nem tudo que eu tinha antes. Eu queria que eles me desse... Eu queria nem que fosse assim uns 30, não uns 50 metro de largura com... uns 100 de cumprimento. Na barranca de um rio. Só a barranca. Só, porque aí só com um pedacinho de terra perto do rio eu plantava mais umas coisa, eu sobrevivia. Dava até pra eu plantar uns pé de mandioca, e comia. E ainda pescava sem sair de casa. Nem precisava saí de casa não. (Du Ó).

9 A pesca no lago

Du Ó: O que eu te falo é o seguinte que lá era melhor que aqui. Havendo qualquer coisa, era melhor que aqui. Porque cê ia lá e trazia o peixe, aqui você vai e num traz, só traz despesa. Num adianta ter um motor bom e não trazer nada. Lá nós tinha um motorzinho ruim, mas nós ia e trazia. Era Barco de madeira, motor de 100.
Teresa: Todo mundo tinha barco assim, e todo mundo sobrevivia assim né? Mas aqui...
Du Ó: A gente sente falta de tanta coisa... lá num tinha os ladrão que nem tem aqui. Aqui você põe uma tralha na água e quando volta

num acha. Mas isso aí eu num condeno não, eu condeno os nossos administrador, porque a administração deles é fajuta.

Teresa: Aqui a fome é brava, rouba porque num pode comprar uma rede, num pode comprar nada.

Os pescadores estão por toda a vila, frequentemente circulam pelas ruas com bicicletas, carregando na garupa a grande caixa coberta com uma tela fina onde são transportados os peixes recém-tirados do lago. É comum o encontro de bicicletas nas esquinas e nas praças. Os pescadores trocam informações sobre as condições do lago e do clima, relatam fatos corriqueiros, expõem o sucesso ou fracasso da pescaria e os locais onde a pesca parece melhor.

A bicicleta é o veículo mais característico do pescador de Nova Porto XV, seguido pelas embarcações. Isso se deve à distância da vila até o lago e ao custo de manutenção de um barco, que nem sempre é acessível à grande parte da população.

A extensão do lago é nove vezes maior que o leito original do rio. Logo as distâncias percorridas em água foram ampliadas também. Há ainda os fortes ventos que formam ondas na superfície da água. Essas condições encarecem a pesca, pois exigem que as embarcações cumpram as medidas de segurança.

Os procedimentos de adequação dos barcos pesqueiros, embora necessários, possuem um custo extremamente elevado para grande parte dos pescadores. A necessidade de embarcação própria para se dirigir às áreas com melhores condições de pesca favorece o uso de embarcações inadequadas e clandestinas, o que gera riscos.

Hoje cê fica uma semana e não pesca nada. Não pesca nada, nada. Hoje não dá, nem que for pra comprá gasolina... Meu barco é a motor, mas eu comprei um a remo. Eu uso o remo porque não compensa gastar a gasolina. Hoje mesmo eu saí, só voltei porque acabô a gasolina. Quase que ocê não me achô aqui [...] O rio tá mais perigoso agora. Tem mais maré. É muito vento, a maré é muito forte [...] E vô te falá uma coisa: esses mexilhón é uma praga também. E não tem bicho nenhum que come.

Ele é que nem um caramujo, só que é fechado. Num abre de jeito nenhum [...] O caramujo os peixe come, mas pra aquele a CESP ainda não achô predador pra ele ainda não [...] Antes do lago num tinha não, num tinha nada disso. Subiro depois de sete queda. Então depois que fizeram a barrage de... coisa lá. Eles subiram mais. Arraia também não tinha [...] A arraia vem do lado do mar, desse lado de lá do mundo. (Pausa) Não tinha tucunaré agora tem. Não tinha corvina e agora tem [...] O tucunaré um pouco mais caro, corvina também. É tudo peixe de lago e peixe de criame também. Pode criá eles em tanque [...] Aqui só compensava pescar mesmo é pintado. Só que é bem difícil de pegá. (Du Ó).

As condições de venda do pescado são complexas. Apesar de a CESP ter construído um mercado para os pescadores próximo à rodovia, o prédio jamais foi utilizado. As causas apontadas são a falta de uma câmara frigorífica que resfriasse o pescado e o alto custo de manutenção, entre outras. A comercialização é feita nas próprias casas, identificadas frequentemente por placas.

Em virtude da presença de espécies de peixes de água parada – tucunaré, corvina, tilápia, piau –, os pescadores acabam por enfrentar a concorrência direta dos piscicultores da região. Segundo os ribeirinhos, a alta produtividade dos tanques diminui o valor do pescado, obrigando-os a vender aos atravessadores por preços que não cobrem o custo da pesca no lago. Para esses ribeirinhos, a pesca deixou de ser rentável, pois se obtém pouca quantidade de peixes com baixo valor comercial.

Como alternativa, alguns pescadores investem na pescaria no rio Pardo, onde é possível encontrar água corrente após navegar algumas dezenas de quilômetros. Os pescadores permanecem alguns dias nas margens do rio em busca de espécies mais valorizadas como o pintado. Ainda que o resultado da pesca não seja o suficiente para pagar o custo da viagem, os pescadores se arriscam a fim de reviver as aventuras da pesca em água corrente.

Du Ó: Lá de baixo dá saudade é de tudo. Menina quando eu subo lá pra cima (rio Pardo) pra mim é um prazer, num quero nem vim embora. Lá tem natureza, você vê aquelas árvore

daquela altura que nem tinha aí no Paranazão antigamente. Você vê os rebanho de capivara nadando, às vezes passa assim...

Teresa: Anta, né Du Ó?

Du Ó: Anta. Encontra peixe bom. Aqui não encontra mais nada, porque o lago num deixa mais.

Teresa: Lá tem a natureza nativa.

Du Ó: Lá onde nós pesca sempre, lá tem. O problema é que gasta muito, quando chega aqui os filho da puta num quer dá nada.

10 A Festa do Quinze

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na nova vila perdeu muito de seu caráter comunitário, rústico e religioso. A festa ganhou um caráter mais comercial e menos popular.

As festa lá era boa. As festa lá acontece o seguinte, ninguém pagava barraca. Todo mundo colocava barraca e ninguém cobrava. E aqui para você colocar barraca você tem que pagar trezentos conto, quatrocentos. Só para colocá a barraca. Não sabe nem se dá ou se não dá, entendeu? E isso aí acaba. E nas festa de lá, os que tocava era nós mêmo... Então, lá os que tocava a festa todo mês tinha reunião e aquele dinheiro tava em caixa, só gastava na igreja ou então em algum serviço que pertencia a igreja né? E agora virou comércio. Tem até briga nas festa. Era nós mesmo que tocava lá. (Du Ó).

As festas atuais foram desvinculadas do sentido original de gratidão à divindade pela pesca e pela colheita do ano. A festa é organizada separadamente e sem participação ampla da comunidade. São realizados grandes shows com bandas e duplas de outras regiões e empresários especializados no ramo instalam suas barracas para vender seus produtos, descaracterizando o sentido inicial de partilha e confraternização. Os mais antigos se limitam a participar da novena e da travessia, mas não acompanham a festa durante as quatro noites.

As mudanças nos festejos acompanham as transformações ocorridas na relação com o espaço e as rupturas no tempo. Antes o rito marcava a alegria do homem com a natureza que trazia fartura e prazer; a relação do pescador com as águas repletas de peixes e ricas de aventuras.

A frustração com o novo espaço também se reflete nesta relação do homem com o sagrado e com os rituais religiosos.

11 Conclusão

Ao estudarmos os aspectos sociais e subjetivos presentes na experiência dos ribeirinhos atingidos por barragens, trazemos à luz conteúdos desprezados e silenciados pelo discurso modernizador dominante que justifica todas suas ações em nome de um propalado progresso. Procuramos, também, colocar em questão uma lógica que, conforme assinala Bauman (2005), inverte a relação clássica entre o local e o global, tal como fora concebida pelo pensamento moderno primevo. Antes, tratava-se de buscar soluções globais para problemas locais, enquanto hoje buscam-se soluções locais para problemas globais. É por essa lógica que se legitima o sacrifício de uma pequena comunidade em prol de pressupostos benefícios para a ampla maioria.

As instituições modernas, com suas imperiosas expansões globais, provocaram descon continuidades com as sociedades ou comunidades tardiamente envolvidas na cultura de consumo, subjugando os hábitos e costumes tradicionalmente organizados, principalmente em relação à experiência do espaço e do tempo. A interrupção abrupta do fluxo da tradição e a quebra da continuidade das práticas sociais atingem a base da segurança ontológica, pois comprometem a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, vinculada à perenidade das práticas sociais cotidianas. (GIDDENS, 2002, p.22; 1991, p.107).

Em nome do “progresso” e das imperiosas necessidades das regiões mais desenvolvidas, as comunidades ribeirinhas são invadidas, expropriadas de sua fonte de vida – o rio –, desalojadas do lugar onde vivem e removidas como entraves indesejáveis. Para o saber tecnicista e para a lógica do capital, a tomada dos recursos naturais de regiões onde vivem populações locais pode ser compensada com indenizações e reassentamentos em novos núcleos urbanos, considerados superiores àqueles vilarejos toscos de pescadores encontrados às margens dos rios.

O que os agentes desse saber e dessa lógica jamais perceberão é que não estão retirando apenas o meio de sobrevivência, o ganha-pão, dessas populações, como estão também destruindo toda uma diversidade cultural, um conjunto de práticas, tradições, conhecimentos acumulados, produções simbólicas, subjetivações criadas ao longo de muito tempo e em condições muito particulares que jamais poderão ser reproduzidas ou reeditadas.

Não é apenas a comunidade local que sofre os prejuízos da destruição de sua cultura, mas o todo da sociedade, na medida em que aquilo que se irradia do local para o geral, o fluxo que interliga um lugar a outro, cessa e deixa de fomentar imagens da heterogeneidade.

Diante das poderosas armas provenientes dos recursos técnicos, ideológicos e políticos os ribeirinhos não têm a menor chance de resistir ou negociar com o invasor. Esta experiência de total vulnerabilidade das populações é desencadeada pelo *“poder que encontramos sob a forma dissimulada de progresso, palavra dúbia que oculta a instrumentalidade e a reificação”*. (MELLO, 1988, p. 11). Os recursos dos quais a vida é extraída – a terra, a água e o ar – são corrompidos em alguns de seus aspectos mais fundamentais: utilidade e equilíbrio. A natureza é violada em sua ordem e submetida à autoridade do capital como instrumento a serviço dos novos modos de produção.

[...] o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos [...] Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado. (MARX; ENGELS, 1978, p. 98).

O rio é sagrado para os ribeirinhos. É na relação com ele que o ribeirinho realiza sua vida, não apenas material, mas também espiritual. É do rio que retira seu próprio alimento e o excedente do seu trabalho para a troca pelos outros produtos dos quais necessita. É do rio que retira também os referentes de sua linguagem, as

imagens básicas que compõem os signos com os quais dá sentido à vida e ao mundo. A água do rio é o disparador de sua subjetividade, de sua imaginação, de suas histórias, de sua religiosidade, de suas relações com o outro, da construção de sua socialidade, de seus sentimentos e afetos.

Na invasão modernizadora, o saber que as sociedades possuem sobre si, sobre suas práticas e sobre o ambiente, é desprezado e considerado ilegítimo. As comunidades locais são destituídas de sua fala em todas as instâncias, privadas do poder sobre si, sobre o trabalho e sobre o próprio destino. Portanto, a carência primeira dos ribeirinhos diz respeito à restituição de sua autoridade exercida sobre o rio.

Para não reeditar a mesma desqualificação dos ribeirinhos, feita pela ideologia liberal-modernista, aliada ao saber técnico dos edificadores das barragens, passaremos a fala a eles próprios, no último parágrafo desta conclusão:

Nóis aqui já tá até cansado de escutá palestra, vem aqui aqueles doutor, que sabe ficá nos escritório, e vem num dia e fala bonito e nunca mais aparece por aqui depois. Eles nem descobre pra que lado é que fica o rio, eles acha que sabe muito e nem sabe que a tilápia é o único peixe que, prá procriá, faz sexo [...] Nóis carece de gente que que escutá a sabedoria do pescadô, que que í lá na beira do rio vê como é que vive o pescadô. Só que os doutor que eles que trazê aqui acha que sabe mais de peixe e de rio que nós daqui que nasceu dentro d'água. Eles tinha que pará, assim, prá ouvi o que tem dentro da cabeça do pescadô. (Russu).

12 Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUMAN, Z. **Globalização: consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

BERMANN C. Energia elétrica: impasses e controvérsias da hidreletricidade. **Estud. Av.**, v.21 n. 59, São Paulo, jan./abr. 2007

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 1992.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MELLO, S.L. **Trabalho e sobrevivência**. São Paulo: Ática, 1988.

SATO, L.; SOUZA, M.P.R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. In: MATIAS, M.C.M.; ABIB, J.A.D. (Org.). **Sociedade em transformação: estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade**. Londrina: Eduel, 2007.